

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE TEATRO BACHARELADO**

FABIO MURILLO JUSTINO

**PEÇA TEATRAL FELPO FILVA, DO GRUPO DE TEATRO REVIRADO: UM
RECORTE DA CRIAÇÃO.**

CRICIÚMA

2023

FABIO MURILLO JUSTINO

**PEÇA TEATRAL FELPO FILVA, DO GRUPO DE TEATRO REVIRADO: UM
RECORTE DA CRIAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Teatro da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA

2023

FABIO MURILLO JUSTINO

**PEÇA TEATRAL FELPO FILVA, DO GRUPO DE TEATRO REVIRADO: UM
RECORTE DA CRIAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Teatro da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Dramaturgia, História e Teorias do Teatro.

Criciúma, 22 de novembro de 2023. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof. Fernanda Cizescki -Doutora - (UNESC)

Prof. Luiz Gustavo Bieberbach Engröff - Doutor - (UNESC)

À todos aqueles que fizeram e a todos aqueles
que ainda irão fazer parte da minha história.

AGRADECIMENTOS

Acredito que esta seja a parte mais difícil do trabalho, pois não quero magoar ninguém, nem causar ciúmes, mas em se tratando de pessoas que convivem comigo e que são meus amigos, acho que vão me entender.

Minha vida acadêmica foi um grande acontecimento do acaso, e que não teria realmente acontecido se não fosse meu grande amigo e irmão Wueslem Amorim por ter me avisado que as matrículas do mais novo curso da UNESC estavam abertas. Muito obrigado irmão, te devo essa e mais umas.

À minha mãe, Joelma, que me ensinou e ensina muitas coisas, mas a que quero ressaltar aqui é que, às vezes, dançar loucamente resolve muita coisa. Ao meu pai, Aldo, que me ensinou que música alta também é a solução para muita coisa. E à minha irmã Julia, pelas inúmeras piadas sem graça que me contou e continua contando.

Agradecer àqueles que transformaram minha vida em uma história boa de se contar e, melhor ainda, de se viver, Yonara Marques e Reveraldo Joaquim, fundadores do Grupo de Teatro Revirado, do qual faço parte desde 2018, resultado de mais uma obra do acaso, já que nos conhecemos na graduação. Não que eu seja muita coisa, mas sem vocês eu seria muito menos, gratidão eterna.

Ao meu grande amor, Marcella, por me incentivar a ser uma pessoa melhor, mais leve e de bem com a vida.

Aos meus amigos da faculdade, e aqui incluo também meus professores: Gustavo, Eduardo e Aurélia, por fazerem parte dessa odisseia que foi estar participando do curso de bacharelado em teatro.

E a todos os meus amigos, que de um jeito ou de outro, mudam a forma como eu enxergo a vida, e a tornam mais fácil e simples.

E quase me esquecendo, um ser muito importante na construção dessa pesquisa: o *leitor invisível e inexistente*, o qual permitiu inúmeras vezes que eu diretamente lhe dirigisse a palavra e explicasse minhas ideias por meio da narrativa.

No mais, os sentimentos de um qualquer, para qualquer um que sinta o mesmo.

“Presentemente, eu posso me considerar um sujeito de sorte, pois apesar de muito moço, me sinto são, e salvo, e forte.”

Belchior

RESUMO

A presente pesquisa busca trazer um recorte da realidade de um ator em formação e integrante do Grupo de Teatro Revirado, de Criciúma/SC, frente a possibilidade de criar uma nova peça teatral baseada no livro infantil Felpo Filva, da autora Eva Furnari. Na montagem da peça, o grupo, que se enquadra como um grupo de repertório, utiliza variadas linguagens do teatro de animação para dar vida ao livro. A pesquisa fala sobre o contato com o texto dramaturgico, sobre o processo de convivência em uma criação teatral e, por fim, sobre alguns dos resultados ao se criar uma peça teatral voltada ao público infantil. Partindo da pergunta norteadora “Como um grupo de teatro chega ao consenso de montar uma nova peça teatral?” e visando alcançar os seguintes objetivos: investigar o processo de montagem da peça Felpo Filva, do Grupo de Teatro Revirado, e suas contribuições para a experiência com a arte; a escrita dialoga com referenciais teóricos, com a pesquisa de campo, entrevistando dois dos envolvidos no processo de montagem da peça, que são Reveraldo Joaquim e Yonara Marques, juntamente de experiências autobiográficas relacionadas ao assunto objeto da pesquisa, e por fim propondo uma reflexão em torno da alteridade que acompanhou e acompanha toda a pesquisa realizada.

Palavras-chave: Felpo Filva; Teatro; Grupo de Teatro Revirado; Teatro de animação; Teatro de grupo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: O QUE ESCREVER QUANDO SE QUER RABISCAR?...8
2	CAPÍTULO I : OS OITENTA E DOIS RASCUNHOS DE FELPO FILVA DE EVA FURNARI11
3	CAPÍTULO II: O OCTAGÉSIMO TERCEIRO RASCUNHO DO LIVRO FELPO FILVA – POR GRUPO DE TEATRO REVIRADO.....21
3.1	RASCUNHO.....23
3.2	RASURA30
4	O OCTAGÉSIMO QUARTO RASCUNHO.....40
	REFERÊNCIAS42

1 – INTRODUÇÃO: O QUE ESCREVER QUANDO SE QUER RABISCAR?

Planeta Terra, Brasil, Santa Catarina, Criciúma. É madrugada, e espero que amanhã a vida me dê tempo para cumprir com minhas obrigações; 02h44min da madrugada do dia 17 de agosto de 2023 – quinta-feira. Após muitas noites rolando de um lado para o outro na minha não tão grande cama, resolvo que está na hora. Seria um insulto desconsiderar todas as outras horas que eu achei que eram a hora, com todo esforço investido nas outras horas, mas não tem jeito, quando chega a hora é a hora e não tem como fugir.

Aos que se perguntam, quem está fugindo? E do que ele está fugindo? Fiquem tranquilos que esse trabalho será de muitas perguntas, mas nem tantas respostas. Por hora, posso relaxar o coração aflito de vocês, me apresentando: me chamo Fabio Murillo Justino, atualmente tenho 23 anos, e no ano de 2017 ingressei na primeira turma de Bacharelado em Teatro da UNESC. Em 2018, tive o prazer de me tornar um integrante do Grupo de Teatro Revirado (que na época se chamava Cirquinho do Revirado), e desde então vivo e respiro essa arte (em geral mais a parte prática do que a teórica, e não que isso seja certo, é apenas um auto-puxão-de-orelha).

O Grupo de Teatro Revirado existe há mais de 26 anos e tem como fundadores Yonara Marques e Reveraldo Joaquim, pessoas a quem serei eternamente grato por me presentear com tamanho privilégio de poder cursar uma graduação paralelamente com a experiência real de como é a vida em um grupo de teatro, como é viver de teatro e afins. Deixando de ser piegas por um momento, o grupo tem reconhecimento nacional, sendo detentor da Comenda Cruz e Souza, além de ser premiado no Prêmio Conjunto da Obra da Academia Catarinense de Letras. Além disso, o grupo já circulou por 23 estados brasileiros e o Distrito Federal. Para que fique documentado aqui: até hoje me pergunto o que eles pensaram ao ver um garoto que na época tinha 16 anos, um porte físico nem um pouco cativante, uma voz que de vez em quando titubeava, e acredite, eles chamaram esse ser para fazer parte de um grupo que tem mais tempo de vida do que ele mesmo. Só podem ter sido meus olhos verdes. Agora voltamos à minha narrativa fantasiosa.

Uma grande luta dentro da minha consciência está sendo travada há muito tempo e chegou o momento de essa luta ser apaziguada. Todos aqueles que vivenciaram comigo essa longa jornada, poderão suspirar aliviados ao se depararem

com ele: o meu Trabalho de Conclusão de Curso. E aqueles que não vivenciaram essa longa jornada poderão, na pior das hipóteses, dar risada dessa maneira estrambólica de lidar com essa responsabilidade da qual não conseguimos escapar durante a árdua caminhada acadêmica para obter o nosso diploma.

Dentro dessa pesquisa falarei de algo que é parte da minha vida e que desde o momento em que me matriculei na disciplina de TCC busco encontrar uma maneira mais teórica de explicar, e que não fique só no meu imaginário poético, pois se ficasse eu teria que dar um jeito de colocar você leitor dentro da minha cabeça, e acredito que isso seja muito mais difícil. O fato é que admiro muito todo o assunto e todos os envolvidos que serão abordados nessa pesquisa e meu único receio é não encontrar palavras que expliquem o quanto isso é incrível, faz parte de mim, e mudou minha vida.

Partimos então para mais uma árdua tarefa: contextualizar os fatos – e é nesse momento que eu desejaria muito que todos vocês leitores estivessem dentro da minha cabeça, o que pouparia muito o esforço de encontrar palavras para esclarecer as sensações que sinto, além do fato de vocês entenderem minha lógica sem que eu precisasse explicá-la. Mas isso não é possível, então sigamos com o ponto principal que dá partida a essa pesquisa, uma grande virada de chave na minha vida que se dá graças a um personagem fictício criado em 2006: Felpo Filva.

A partir do problema: **como um grupo de teatro chega ao consenso de montar uma nova peça teatral?** E do objetivo geral: **investigar o processo de montagem da peça Felpo Filva, do Grupo de Teatro Revirado, e suas contribuições para a experiência com a arte**, esta pesquisa fala sobre a peça teatral Felpo Filva do Grupo de Teatro Revirado, da qual faço parte como ator dando vida ao personagem Rabisco, e sendo assim, conto um pouco da minha experiência dentro e fora da peça, no processo de montagem e da história acumulada ao longo das apresentações que já realizamos até o momento. Além da peça em si, falo da relação que o texto dramaturgício - que é basicamente o livro da autora Eva Furnari na íntegra, com a inclusão dos personagens Rabisco e Rascunho criados na montagem – tem com o espectador, focando na maior das nossas experiências, até o momento, que é o público escolar do Ensino Fundamental I.

Esta pesquisa se insere na linha de pesquisa Dramaturgia, história e teorias do Teatro do curso de Teatro – Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Tal linha tem como foco

Estudos da memória teatral através de práticas contemporâneas da historiografia do espetáculo; abordagens semiológicas dos processos de significação no âmbito da teatralidade; investigações de cunho crítico e teórico enfocando aspectos relevantes da tradição e da contemporaneidade nas artes cênicas, sob a ótica de sua produção e recepção. (UNESC, 2021. p.43)

Como conceito de pesquisa científica, Zamboni (2001) a defende como sendo uma “[...] busca sistemática de soluções com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento.” (p.43). Pensando o conceito de uma forma mais aproximada, podemos perceber que, muitas vezes, a pesquisa vai partir de uma curiosidade, de uma indagação, que à medida que vamos nos aprofundando e buscando conexões entre o campo de pesquisa e a realidade, nos aproximamos daquilo que Paulo Freire (2019) chama de curiosidade epistemológica

[...] a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade, mas não de essência” (FREIRE, 2019. p.33).

Como procedimento metodológico me aproximo da narrativa autobiográfica e da pesquisa de campo. Segundo Marques e Satriano (2017, p. 372).

A partir de narrativas, tem-se a possibilidade de (re)elaborar questões internas e fortalecer a autoria e a autonomia. A narração não é a descrição fiel do fato, mas como ele foi construído mentalmente pelo narrador. No narrado podemos conhecer mais acerca da subjetividade do narrador do que a “verdade” em si do narrado.

Já na pesquisa de campo entrevistei dois dos envolvidos na montagem da peça Felpe Filva do Grupo de Teatro Revirado.

O trabalho é organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado “Os oitenta e dois rascunhos de Felpe Filva de Eva Furnari” apresento o livro Felpe Filva, realizando alguns comentários baseados na minha experiência, no conhecimento do texto e, conseqüentemente, em como eu o vejo e o interpreto.

No capítulo seguinte, intitulado “O octagésimo terceiro rascunho do livro Felpe Filva – por Grupo de Teatro Revirado”, falarei um pouco da experiência de um grupo

de teatro em montar uma peça teatral, fazendo algumas perguntas direcionadas a minha companheira de cena, Yonara Marques e ao diretor da peça, Reveraldo Joaquim.

A conclusão desse trabalho se dará buscando falar da execução da peça teatral, ou seja, fazendo uma síntese das apresentações que já realizamos até agora, e criar uma ponte da peça teatral com o espectador criança, por meio da alteridade, e aprofundando-se um pouco mais dentro desse universo do termo citado é possível dizer que o que realmente ocorre, é uma sinergia¹.

¹ Nas palavras de Cortella (2015, p.42): Sinergia significa “força junto”. E, nesse sentido, fazer “força junto” obriga a olhar o outro como outro, e não como estranho. Num mundo que muda com velocidade, se eu não olhar o outro como fonte de conhecimento para mim, independentemente de onde ele veio, de como ele faz, do modo como ele atua, eu perco uma grande chance de renovação.

2 – CAPÍTULO I: OS OITENTA E DOIS RASCUNHOS DE FELPO FILVA DE EVA FURNARI

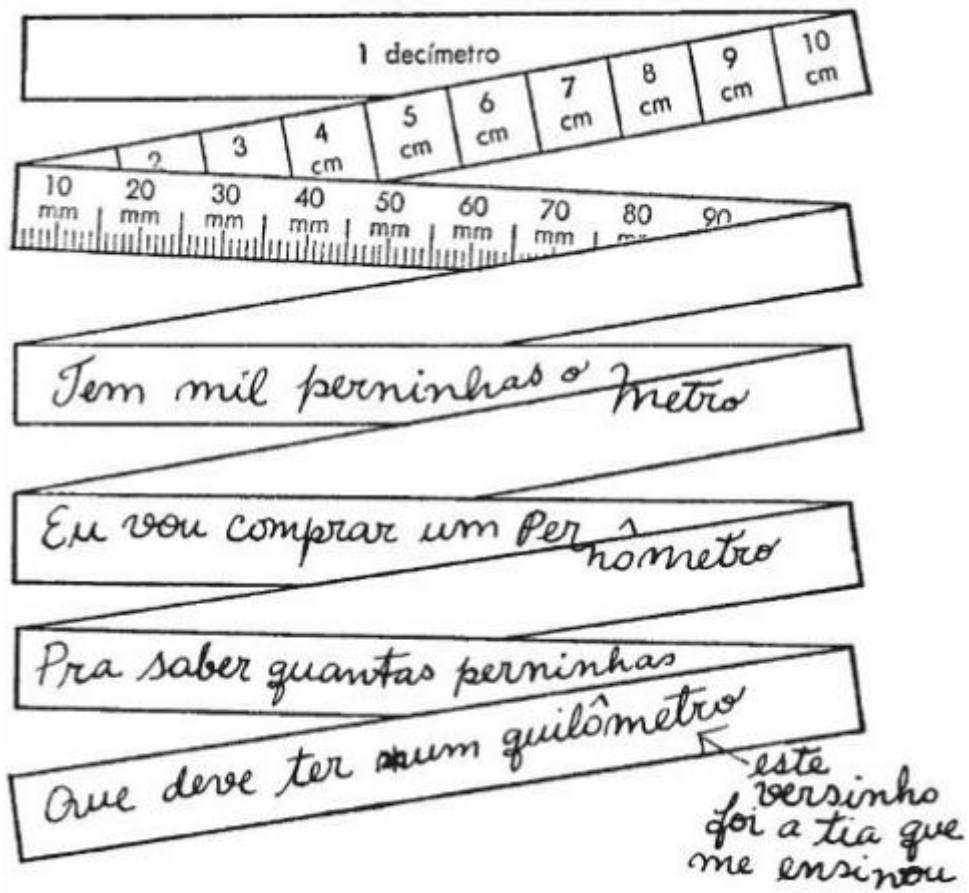
Um breve aviso aos leitores: este capítulo será recheado de spoilers do livro, juntamente de interpretações que partirão da minha cabeça, ou seja, você ainda tem tempo para ler e não comprometer sua interpretação – não quero que ninguém reclame que influenciei ou direcionei. Vale lembrar também que esse capítulo será uma recapitulação do livro e servirá de base para o raciocínio do próximo capítulo dessa pesquisa, estando aqui presentes muitos aspectos da lógica interpretativa da obra apresentada.

Eva Furnari, ilustradora e escritora, iniciou sua carreira no mundo literário com uma coleção de quatro livros encomendada pela editora Ática e foram publicados em 1980. Na sequência, começou a ter as tirinhas de sua personagem *A bruxinha atrapalhada* publicadas semanalmente no jornal Folha de São Paulo.

No ano de 2006, ela publica *Felpo Filva* pela editora Moderna dentro da coleção girassol e, posteriormente recebe diversas premiações, como o *Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil, CBL em 2007; Altamente Recomendável, FNLIJ – Festival Nacional de Literatura Infanto-Juvenil, também em 2007; O melhor para a criança (Hours-Councors), FNLIJ mais uma vez em 2007.*

Felpo Filva é um personagem fictício, um coelho poeta que possui uma orelha mais curta que a outra, que vive solitário e melancólico até receber uma carta de uma fã e sua história de vida começar a ter reviravoltas. Nos entremeios desse encontro, Eva Furnari ilustra e inventa muitas coisas e muitos termos para ambientar ainda mais o universo onde acontece essa história. Eu irei destacar alguns desses termos conforme o avanço da narrativa.

Logo na primeira página, Felpo é descrito como alguém sozinho, solitário, distraído e desligado, mas que tudo isso era compreensível, pois ele era um poeta. Um fato curioso sobre como criamos referências sobre poesia: lembro que uma vez, lendo um livro do *Menino Maluquinho*, o personagem mostrava um *versinho* que havia feito com a ajuda da professora. Depois desse contato passei a achar que poesia eram palavras rimadas com o intuito de dizer algo bonito; com a idade fui entendendo a complexidade das poesias e principalmente dos poetas. Essas são minhas lembranças de poesia:



Gosto muito de você
Acho que estou apaixonado
Mas acho que este versinho
Está de pé quebrado

(Imagens retiradas do livro "O menino maluquinho" de Ziraldo)

Retomando a história do nosso livro em questão, o fato é que com essa introdução cria-se a atmosfera do universo desse livro e é perceptível a sagacidade da escrita dele. Com essa primeira informação a respeito do personagem, o leitor entende qual será o ritmo de leitura proposto no livro e assume uma postura mais atenciosa e de interesse relacionados à vida desse personagem tão peculiar que acaba de ser apresentado.

Importante ressaltar que Eva explora muito o melodrama ao contar e dar vida à história da personagem principal e nesta perspectiva peço que mentalizem a imagem de um ator (o mais canastrão que vocês conhecem), segurando uma caveira e dando a tão famosa frase de Hamlet² do jeito mais pausado e com a voz mais postada possível, fazendo suas mais estrambólicas caretas, e com a mão que sobra colocada sobre o lado esquerdo do peito; outro exemplo é o Hardy³ falando “Oh céus, oh vida, oh azar”. Esse é o nosso coelho poeta, o escolhido da dor e sofrimento, cuja saída é escrever.

Posso estar exagerando, mas é possível perceber tudo isso apenas na primeira página da história. Nas páginas seguintes, somos apresentados aos porquês de Felpo ser assim, e, na mesma medida, que, então relaxamos por entender, é possível também se revoltar, e o melhor de tudo: se identificar. Importante ressaltar quão certa a escritora foi em poder criar um vínculo com o leitor logo na segunda página, pois Felpo sofria bullying na época da escola, primeiro por ter uma orelha mais curta que a outra, e segundo por usar um aparelho desengonçado para tentar corrigir essa falta de simetria. Tudo bem que você leitor, pode não ter criado um vínculo com Felpo por simplesmente pensar que ele é só mais um, mas pense em uma criança lendo isso, uma criança pura e cheia de boas intenções com o universo, e esse é o ponto aqui.

Após essa recapitulação da história do personagem principal, a escritora faz uma ponte direta para os dias atuais, onde Felpo Filva – um já famoso poeta e escritor – irá escrever sua autobiografia. Nesse momento, temos mais um detalhe na construção da imagem deste poeta, ele pega uma xícara de café para começar sua escrita. Novamente, para você adulto é só mais uma xícara de café, mas imagine o que isso pode significar para uma criança: uma bebida de gosto amargo, que em grande maioria só adultos bebem. Não são muitos atrativos para um visual e paladar infantil.

Novamente, na autobiografia de Felpo vemos que sua história é triste e o motivo disso é por ele ter sofrido na sua infância e logo nesse momento somos introduzidos

² A frase a que me refiro é “Ser ou não ser, eis a questão”. Hamlet é um personagem da obra com mesmo nome, do dramaturgo e escritor William Shakespeare, escrita em 1559 e 1601. Segundo Lacan “Hamlet é culpado de ser”, é algo que abre brecha pra um tremendo drama.

³ Hardy é uma hiena pessimista, personagem coadjuvante da série de desenho “Lippy e Hardy” criado por Hanna-Barbera e que foi ao ar em 1962.

ao grande fantasma da sua vida: o *sticorelia*, que pode ser transmutado em diversas outras coisas conforme o seu trauma – aparelho ortodôntico, óculos e afins. Nesse momento também é introduzida mais escancaradamente a ideia de criar um livro usando diversos gêneros textuais⁴. O gênero textual em questão é o manual de instruções do aparelho *Sticorelia Rabite Perfection*.

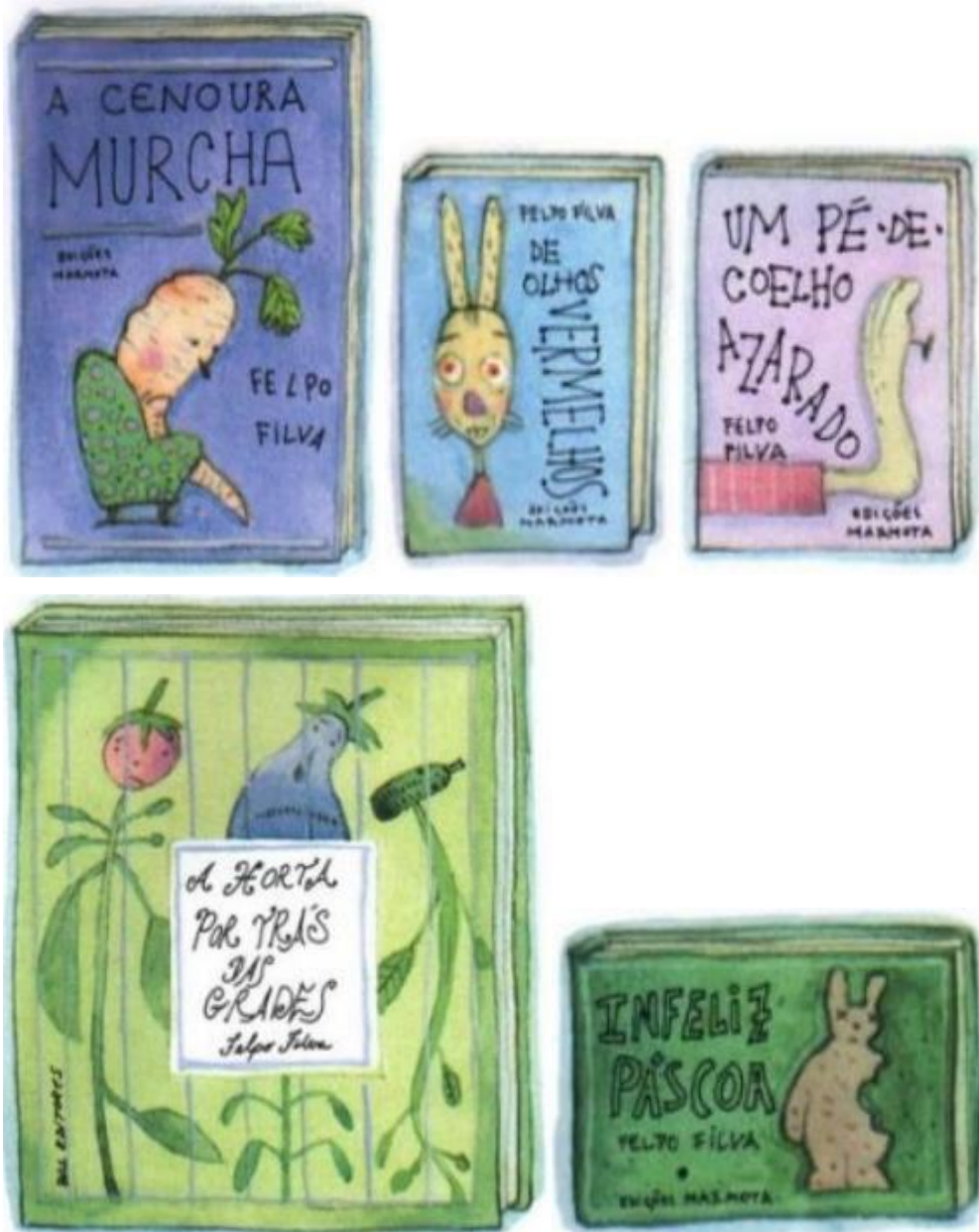
Durante seu devaneio em meio a escrita de sua biografia, Felpo Filva é interrompido pela campainha, acionada pelo carteiro. A autora diz que o poeta sempre recebia muitas cartas, mas nunca lia nenhuma, nem as abria – mais um traço importantíssimo para a moldar o nosso pensamento e empatia em torno desse personagem – porém, nesse dia, algo havia lhe chamado a atenção.

Aqui temos um choque de realidade, tente lembrar da sua infância, quando você desenhava coisas elaboradíssimas e quando mostrava para alguém, eles perguntavam: *o que é isso?* É por esse sentimento que nosso amigo Felpo Filva irá passar nessa parte do livro. A carta – mais um gênero textual - era de Charlô Paspартu, uma grande fã do poeta, mas que fica intrigada de suas obras serem sempre tão tristes e negativas. Nessa carta, ela faz uma continuação para um dos poemas de Felpo, dando um final feliz para a personagem do poema.

Felpo, assolado pelo sentimento de não terem compreendido a complexidade e profundidade de sua obra, se vê confrontado e se depara com o desabamento de toda a sua lógica artística. Nesse momento ele tem uma crise de *orelhite tremulosa* (Eva é realmente muito boa inventando palavras), que ocorre toda vez que o coelho fica nervoso, e aquela carta tinha deixado ele bem nervoso.

O coelho ficou tão perplexo, se sentiu tão moralmente confrontado, que se pôs a relembrar dos títulos dos seus livros, que cito aqui: *A cenoura murcha; A horta por trás das grades; De olhos vermelhos; Infeliz páscoa*. Um comentário que deveria ficar para o próximo capítulo, mas que o Fabio Ator está ansioso para já deixar registrado é que, nessa passagem do livro, acredito que as imagens ajudam a criar e entender o quão negativo são esses títulos, pois exige uma certa acidez e malícia de vida, o que pode não ser tão presente nas crianças, então ela ilustra esses títulos com personagens cabisbaixos.

⁴ Segundo Marcuschi (2002), os gêneros textuais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia



(Imagens retiradas do livro Felpo Filva, de Eva Furnari)

Aqui, meus amigos, vemos o quão humano esse coelho é, porque o nosso até então concreto e inabalável poeta triste fica CHEIO de DÚVIDAS. Porém, como habituado, deixou o esquecimento tomar conta do assunto, mas antes pensou muito a respeito.

Como diria o grande filósofo, poeta, cenógrafo, diretor, ator, kung-fu e karatê, Reveraldo Joaquim: *um é nenhum*. O que quero dizer aqui é que Charlô, nossa heroína, representante da vontade de todos os leitores (os que pensam positivamente

pelo menos), fez o que nós devemos fazer: ela não se contentou. Sem uma resposta à sua carta anterior, escreveu uma nova – ela é sensacional.

Nessa carta, ela reescreve um poema de Felpo, outra vez mudando para um tom positivo e ainda deixa no final da carta uma pseudo-lição de vida ao dizer: *quem planta ovo, colhe passarinho*. Se você for como eu, que até pouco tempo atrás sempre ficava intrigado ao ouvir essa frase (sou tanso, eu assumo), a autora reconstrói e adapta a frase a *gente colhe o que planta*. Antes de prosseguir com a minha narrativa, vale ressaltar como a autora insere um gênero textual dentro do outro, por exemplo: os poemas durante a escrita da carta. Retomando: a gente colhe o que planta, então, se quem planta ovo colhe passarinho, quem prende o passarinho numa gaiola, assim como sugere o título do poema escrito por Felpo, colhe o que? É um questionamento muito perturbador na cabeça de um poeta.

Eu, como um bom defensor do meu amigo Felpo Filva, prefiro interpretar esse momento como um momento de surto e crise do nosso querido coelho: ele perde um pouco da sua elegância e compostura e acaba ofendendo a prezada Charlô em uma carta, que é postada no correio assim que findada sua escrita. Esse parágrafo terminaria no ponto anterior, mas após alguns segundos olhando para o teto, percebi que não posso passar pano para ninguém, Felpo toma uma atitude muito precipitada, deselegante e desumana (ou descoelha). Por sorte, assim que Felpo pôs a carta no correio ficou cheio de dúvidas e, no meio dessas dúvidas ele já começa a criar um certo apreço pela opinião de Charlô.

Contando a história que não foi contada no livro: acredito que Charlô tenha ficado muito ofendida com a carta que seu grande ídolo tinha enviado a ela, porém, ela é a Charlô e resolveu de uma maneira muito simples, prática e o melhor de tudo: elegante. Ela envia um telegrama, mais um gênero textual, que para quem não sabe era um modo mais rápido do que a carta para enviar uma mensagem curta (nos dias de hoje é tipo um *SMS* se você estiver sem *WI-FI* para usar o *WhatsApp*). No telegrama, ela rebate de forma fenomenal todas as acusações de Felpo e o convida para tomar um chá e finaliza com um ditado (Mais um gênero textual) que com toda certeza bota Felpo no bolso: *o pior cego é aquele que não quer ver sua própria imaginação*. Uma *gentlewoman*, uma nobre, uma coelha de fibra, essa personagem é sensacional.

Se ninguém é de ferro, por que um coelho poeta seria? Nos é apresentado mais um gênero textual, a bula. Aqui é o momento em que percebemos mais um pouco da humanidade presente em Felpo, ele também toma remédios. Nesse caso, o *Destremil – um xarope para orelhas descontroladas*. Nesse momento, o poeta é posto à prova: ele vai ser capaz de confrontar a realidade indo visitar Charlô? Ele vai se omitir como fez ao receber a primeira carta? Seremos testemunhas da evolução do caráter do nosso tão estimado coelho?

Depois de muito agonizar e pensar nas possibilidades da vida, Felpo se vê obrigado a responder à Charlô. Mais uma vez a autora inclui um gênero dentro de outro, agora é a vez da fábula, que Felpo usa para explicar o seu jeito. No fim da carta, ele diz que é melhor não aceitar o convite dela, porque além de não ser seguro de si, ele odeia cenouras e prefere os bolinhos de chocolate, com um detalhe: só se for do jeito que a avó dele fazia, e se caso um dia ele aceite o convite, essa decisão poderia levar muitos anos. É, amigos, se nós mudamos aos poucos, por que o nosso querido coelho mudaria da noite para o dia?

Um alívio se estabelece, uma etapa da vida foi superada, podemos dizer que por um momento Felpo finalmente se sentiu pleno. E tentou voltar a trabalhar na sua melancólica autobiografia – sem sucesso, pois ficou ansioso para saber o que Charlô acharia da carta recém enviada. Como não conseguia se concentrar na sua autobiografia (acredito porque um novo capítulo de sua vida acabava de se iniciar), Felpo trabalhou em outras coisas, até resultar em um *conto de fadas* – outro gênero textual.

No conto de fadas, que por sinal tem o título de *Uma História Um Pouco Esquisita*, Eva, por meio de Felpo, retrata um príncipe desprovido de muitas coisas (beleza, desenvoltura e sorte) que é preso em uma torre por uma princesa malvada, e que futuramente é resgatado por uma bruxa muito alegre e divertida. E assim se encaminham para um final feliz pra todos, inclusive pra bruxa, que se casa com um dragão, que queima toda a maldade dela com seu fogo das ventas. Esse é um momento de epifania para Felpo Filva: finalmente, ele criou algo diferente do costume, algo feliz para todos. Sua empolgação foi tanta que ele quis mandar o texto pra Charlô, que até então não havia respondido sua última carta.

O momento de suspense acaba, a campainha toca e lá estava ele: o envelope lilás. Ali, diante de seus olhos estava a carta que poderia mudar o rumo da sua vida,

o divisor de águas: ele voltaria a ser o coelho poeta solitário e isolado de tudo e todos, ou teria a chance de viver algo até então desconhecido. Na carta, Charlô dizia apreciar muito a atitude de Felpe e complementa: ela adorava orelhas diferentes. Na carta, ela diz que agora admira não só o trabalho do poeta, mas o poeta em si; além de que adora cozinhar e que gostaria de saber da receita dos bolinhos de chocolate, para ela fazer quando ele viesse visitá-la. Nosso camarada poeta fica nas nuvens, ela gosta de orelhas diferentes! Aqui ocorre a quebra do que já imaginávamos dessa narrativa, sua orelha começa a tremer, mas não a orelha direita que treme quando ele fica nervoso, a orelha esquerda que só tremelica quando ele fica feliz (o que era muito, muito, muito raro).

Em seguida, nos é apresentada uma nova versão do coelho, um coelho vaidoso, ele busca um espelho que estava escondido em uma gaveta da casa, se olha como um verdadeiro poeta por alguns momentos. Após essa auto apreciação, ele corre para buscar o caderno de receitas da sua avó e, então, escreve uma carta para Charlô descrevendo a receita dos bolinhos (que por sinal é outro gênero textual). Na pressa – para continuar esse assunto, imagino – Felpe sai em disparada e bota a carta no correio. Chegando em casa, sua orelha direita treme, dessa vez por um motivo aceitável: na pressa de mandar a carta, ele esqueceu de vários assuntos que gostaria de abordar, então ele faz uma lista (já sabe né? Mais um gênero textual) com os assuntos da carta seguinte, e entre os assuntos estavam: pedir um retrato dela e perguntar se ela tem namorado.

Felpe passa a conviver com a ânsia de continuar a conversar com Charlô. Diariamente, ele conferia se tinha algum envelope lilás na sua caixa de correio, e nada. Até que um gênero literário novo chega: o cartão postal, porém com um detalhe que faz toda a diferença, ele estava encharcado. No cartão postal encharcado, só era possível identificar as seguintes palavras: Fel... Venha... Logo... Engoli... Piano... Ajudar. Não quero diminuir meu parceiro Felpe, mas imagino que eu, você, qualquer pessoa poderia pensar duas vezes antes de chegar à conclusão de que ela realmente tinha engolido um piano e que além disso teria escrito um cartão postal com um piano na garganta pedindo ajuda, mas isso não é sobre nós, é sobre esse coelho descobrindo um mundo novo.

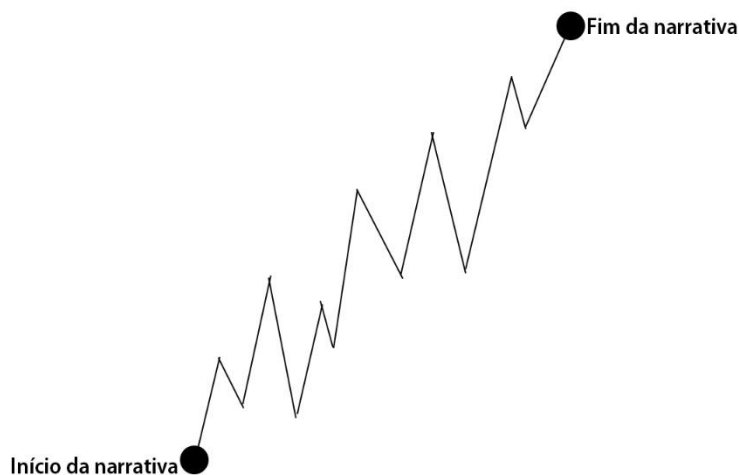
Felpe sai em disparada em direção a casa de Charlô (que ele descobriu olhando no cartão postal, e em todos os outros envelopes das cartas), na chuva

mesmo, indo salvar a vida dela. Ele chega na casa dela aos frangalhos, descobre que ela não tinha engolido um piano, ela explica que pode ter sido a água da chuva que interferiu nas frases do cartão (eureka!), os dois riem muito da situação e marcam de tomar chá no dia seguinte. Que jeito de quebrar o gelo hein?

No dia seguinte, Felpe e Charlô se encontraram arrumadíssimos e chiquérrimos, tomaram chá, comeram bolinhos, fizeram uma canção juntos (que pode ser considerado um gênero textual quando transcrito). Esses encontros se repetiram diversas vezes até resultar num lindo pedido de casamento, que foi feito da Charlô para o Felpe, e recebido por Felpe com uma bela crise de orelhite tremulosa pavorosa na orelha esquerda (a da felicidade, lembra?). Depois da crise, vocês já podem imaginar o resultado dessa história.

A história do livro acaba aqui nesse momento, porém, a autora escreve um P.S. ou *Postscriptum* em que ela fala um pouco mais sobre os tipos de textos usados na criação da história, esse assunto é explicado por outros membros da família de Felpe e Charlô. Não irei me aprofundar nessa parte, pois ela não é utilizada no espetáculo montado pelo Grupo de Teatro Revirado.

Mais uma vez, recomendo que se possível, leiam o livro, pois a aventura que o livro propõe com certeza é muito mais enriquecedora que o resumo aqui proposto. Mas, acredito que tenha ficado claro que é possível identificar uma certa dinâmica na narrativa do livro, que pode ser exemplificada pela seguinte imagem:



(As linhas não representam a narrativa literalmente).

Segundo Desgranges (2006, p.31) todo ato de compreensão, portanto, implica uma atitude rítmica, que estabeleça espaço e tempo para a efetivação de uma atitude criativa.

Essa *dinâmica narrativa* ou atitude rítmica, como citado, pode ser encontrada em qualquer tipo de obra, e vai ser mais explorada conforme o autor tenha mais domínio e conhecimento de onde o universo de sua obra possa chegar. Em *Felpe*, é perceptível a presença da dinâmica pelas trocas de carta e mudanças de humor do personagem, e essa dinâmica é ditada pela autora.

Visando dinamizar ainda mais a dinâmica do livro por meio do teatro, propomos a tridimensionalização da obra literária, ou seja, tirar ela da bidimensionalidade das páginas, além disso, atribuir sonorização, tornar os objetos palpáveis, mantivemos a dinâmica narrativa, mas agora ela não é ditada por alguém *invisível*, ou distante do leitor. Na peça essa dinâmica é ditada pelos personagens, onde a própria dinâmica é incluída nos trejeitos, personalidade, tom de voz e atividade física. E assim nos encaminhamos para o próximo capítulo dessa pesquisa.

Buscarei rapidamente elucidar um pouco mais o que quero dizer com tridimensionalização. Na peça *Felpe Filva*, além da atuação e presença corpórea dos atores, utilizamos a linguagem do *teatro de animação* ou *teatro de formas animadas*, que de uma maneira resumida e que se encaixa muito bem no contexto dessa montagem, nas palavras de Waszkiel (2019, p. 220): O teatro de formas animadas nos ensina a empatizar com seres que são diferentes de nós. No caso da peça objeto dessa pesquisa, tratam-se de seres e objetos de papelão, que apresentam vida e funcionalidade no que se propõe.

3 – CAPÍTULO II - O OCTAGÉSIMO TERCEIRO RASCUNHO DO LIVRO FELPO FILVA – POR GRUPO DE TEATRO REVIRADO

Antes de entrarmos a fundo no tema desse terceiro capítulo, que será uma breve pincelada (para aqueles que sentiram uma contradição na frase anterior: pode existir muita profundidade em uma pincelada, talvez até mesmo do que em um quadro todo. E não, isso não é uma desculpa pra justificar um erro de concordância, ou talvez seja, deixo isso com você caro leitor) sobre o processo de montagem da peça teatral Felpe Filva, preciso esclarecer qual a realidade teatral que estamos falando aqui. O Grupo de Teatro Revirado, assim como o próprio nome diz, é realmente um grupo, e que faz teatro de grupo⁵.

Vale ressaltar que além desse *modus operandi*, o Grupo de Teatro Revirado é um grupo de repertório. Mas Fabio, o que é um grupo de repertório? Dependendo da sua localização no Planeta Terra, existem muitas maneiras, hábitos e formas de se produzir não só o teatro, mas arte no geral. Focando aqui no que nos interessa – que só para deixar claro, é o teatro – o teatro pode ser produzido de diversas maneiras, tomando a *Broadway*⁶ como exemplo, onde são criados espetáculos para temporadas e determinadas datas festivas, e que a vida útil do espetáculo é determinada pela quantidade de ingressos que ele vende, ou até os responsáveis da produção acharem que já alcançaram o público máximo. É possível citar alguns grupos de repertório aqui do nosso Estado: Grupo Cirandela, de Criciúma/SC, Grupo Teatral Reminiscências de Joaçaba/SC, Cia Mútua de Itajaí/SC, Dionisos Teatro de Joinville/SC, entre outros vários que agora minha memória não é capaz de lembrar.

As *temporadas em cartaz* existem no Brasil também, mas acabam ficando no eixo Rio – São Paulo, onde existe um fluxo maior tanto de público, quanto de artistas produtores. Mas Fabio, você está enrolando um monte e ainda não disse o que seria um grupo de repertório. Mas caro leitor, eu imagino que à essa altura você já pode ter deduzido o que isso quer dizer, mas que fique claro e para que isso se configure uma

⁵ Segundo Santos (2015, p.30):[...] é um processo de convívio constante que está relacionado com os modos de criação, percepção, função e opção dos membros. A escolha por esse modo de "fazer/pensar/executar teatral" está diretamente relacionada à estrutura dos artistas criadores.

⁶ A Broadway é uma avenida (originalmente seu nome é Avenida Manhattan Street) pertencente ao *Theatre District* de Nova York. Nesse bairro, encontram-se 41 teatros, com 500 lugares, ou mais, cada. De fato, uma efervescência teatral.

pesquisa, eu digo: adaptando-se a uma forma de produzir cultura, muitos grupos acabam tendo um repertório de peças teatrais, cada peça pensada para um determinado público e falando de um determinado assunto, conforme as vontades do grupo. É quase como um cardápio de um restaurante, onde existem muitas opções de pratos, mas no nosso caso são peças teatrais mesmo.

Como já dito anteriormente, os grupos fora do eixo Rio – São Paulo (e muitos grupos desse próprio eixo também) acabam adotando esse estilo de produção pois ele potencializa algo muito importante, que é a sobrevivência. Tendo uma ampla gama de peças teatrais que falam sobre os mais variados assuntos e que também usam linguagens diferentes (circo, teatro de animação, contação de histórias) para entregar esse assunto ao público, torna-se (em teoria) mais fácil de poder exercer seu ofício, pois na maioria das vezes o contratante vai querer encaixar a peça teatral dentro de um evento com determinada temática que ele está produzindo; uma prefeitura pode querer passar uma determinada mensagem para a rede municipal de ensino, enfim, quanto mais opções melhor.

E já que entramos nesse assunto, nem sempre uma peça teatral é montada imaginando isso tudo que eu disse no último parágrafo, mas vale ressaltar que se o grupo quer continuar apresentando é extremamente importante que ele saiba convencer a quem interessa de que é uma boa ideia contratá-lo. No exemplo da montagem da peça Felpo Filva (o tema dessa pesquisa, lembra?) nós tínhamos a consciência de alguns argumentos que poderiam ser utilizados para que pudéssemos apresentar a peça com frequência, aqui vão alguns deles: Felpo Filva é um livro paradidático, que está presente em todas as bibliotecas escolares e que faz parte de planejamentos de ensino; fala sobre respeitar as diferenças; aproxima a criança do hábito da leitura. Com estas premissas rondando nossos pensamentos, durante a pandemia de COVID-19⁷, o grupo decidiu se isolar juntos para eventuais possibilidades de trabalhos – e as possibilidades realmente aconteceram – foram muitos audiovisuais produzidos, intervenções para conscientização das pessoas que insistiam em ficar na rua desprotegidas, enfim, *muitos* trabalhos pandêmicos. No meio desses trabalhos todos, com o surgimento da lei Aldir Blanc⁸, decidimos montar uma

⁷ A pandemia de covid-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020. Uma das medidas para evitar a proliferação do vírus foi o isolamento social.

⁸ Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei nº14.017/2020).

peça infanto-juvenil baseada no livro Felpo Filva, como uma estratégia para que assim que a pandemia passasse, pudéssemos voltar com força total.

A primeira parte desse processo de montagem não se deu necessariamente no estudo do livro, apesar de já termos pré-estabelecido que utilizaríamos ele. O começo se dá no corpo dos atores, aqueles que conduziriam a *dinâmica narrativa* ao público por meio de personagens a serem criados. A ideia de estabelecer que seria uma peça teatral com personagens que apresentam uma história ao público a princípio se dá para que exista a diferença entre *contadores de história* e atores. Ao diretor, não interessava que fossem Fabio e Yonara contando o livro para o público, ele queria que buscássemos algo mais profundo que isso.

Mas porque dizer que este seria o *octagésimo terceiro rascunho*? Como eu exemplifiquei acima, apenas Fabio e Yonara não bastavam, seriam necessários personagens, e por essa necessidade nasceram *Rabisco* e *Rascunho*. Os dois personagens que apresentam Felpo Filva ao público. Como os nomes sugerem, eles possuem uma dinâmica em sua essência: Rabisco, interpretado por mim, ao mesmo tempo que possui sua imensa liberdade de ser um rabisco de qualquer coisa contempla a finitude de ser um rabisco de *qualquer coisa*, e nesse complexo paradoxo ele prefere viver. Quebrando um pouco a poética, ele é mais ativo, ansioso, mais ingênuo e bobo, busca apresentar uma certa virtuosidade e, às vezes, é sacaneado por Rascunho. Já Rascunho é aquele que já sabe o que se é, mas também sabe que poderia ter sido algo mais. Dentro da peça ele vai segurar a onda do Rabisco, mas também vai incentivá-lo e dar corda às suas ações, a questão é que os dois são muito cúmplices, pois um se encontra guardado no fundo de um baú e o outro se encontra perdido em uma lixeira.

Antes de partir para o próximo assunto, acho válido deixar esclarecido aqui que não irei lhes apresentar nenhum manual de como deve ser concebida uma peça teatral, pois realmente não existe um jeito certo de se fazer teatro. Irei falar um pouco sobre a relação interna; sobre as preocupações estéticas; e sobre as vontades de um grupo que faz teatro de grupo. Destaco que a seguir apresento as falas de Yonara e Reveraldo colhidas em entrevista gravada em áudio e posteriormente transcritas. Deste modo as falas aparecem na íntegra com suas inflexões, gírias e regionalismos.

Acredito que eu já tenha falado muito por muito tempo, então para dar uma variada, vamos ouvir (ou ler?) pessoas diferentes; em primeira mão para vocês, falando sobre todo esse universo da peça teatral *Felpe Filva*, com vocês: Yonara.

3.1 RASCUNHO

Enganei vocês, ainda sou eu quem vos comunica. Mas é só pra dar uma breve introdução de que Rascunho estamos falando. Yonara é atriz e fundadora do Grupo de Teatro Revirado que teve o início das suas atividades em 1997, além disso ela é, produtora, pesquisadora, figurinista, maquiadora, e inúmeras outras coisas, o que a torna referência no fazer cultural contemporâneo catarinense e caso você leitor tenha ficado interessado, você pode conferir o trabalho de conclusão de curso dela, que possui o nome de *DELAS FALO EU, fala minha! Possibilidades de um olhar feminista para Amor por Anexins do Cirquinho do Revirado*.⁹

Voltando ao Felpe, o presente subcapítulo será desenvolvido a partir de uma conversa/entrevista que eu realizei com minha companheira de cena. Nessa conversa, eu busquei lembrar alguns momentos de quando ainda estávamos montando a peça e também do depois da peça já estar pronta. Mais uma vez, não se trata de um manual, e sim da exposição de uma realidade e, poeticamente falando, como um grupo chega a cogitar uma possibilidade.

Eu começo a conversa perguntando para Yonara o que vem na cabeça dela quando se pensa em Felpe Filva. E essa (com alguns cortes) foi a resposta:

“Quando a gente pensa em Felpe Filva, me vem na cabeça pandemia, me vem transição porque foi a primeira peça que eu tô em cena sendo dirigida por Reveraldo [...] eu nunca tinha contracenado com o Fabio; tinha claro no Amor por Anexins, mas não eu e ele sozinha na peça, então era tudo muito diferente para mim [...] é muito trabalho e resiliência e paciência, para poder tá ali com meu companheiro de vida que é o meu marido me dirigindo. Foi um exercício muito grande de resiliência e de escuta, de prestar atenção no ser diretor Reveraldo e não no meu marido Reveraldo, e dividir bem esses papéis.”

⁹ <http://repositorio.unesc.net/handle/1/7868>

O termo *transição* foi destacado dessa maneira, pois é algo que realmente tem muita importância nessa fala, e que faz muito sentido encarando o contexto. O Grupo de Teatro Revirado sempre busca trabalhar com diferentes diretores em suas peças teatrais, por exemplo, *Júlia*¹⁰ foi dirigido por Pépe Sedrez, integrante da Cia Carona de Blumenau/SC; *Amor por Anexins*¹¹ foi dirigido por Lourival Andrade Júnior que atualmente reside em Caicó/RN e integra a Associação Cultural Trapiá, que possui núcleos de cinema, teatro e dança. O ponto a ser destacado a partir dessas informações é que, dentro da estrutura criativa da peça Felpe Filva, foi rompido um certo registro operacional. Mas Fabio, o que você quer dizer com esse ajuntamento de palavras? Eu quero dizer que, para você contracenar com outra pessoa, precisa-se de uma cumplicidade, de compartilhar sentimentos (não que vocês devam sentir a mesma coisa), de lutar pelos argumentos do parceiro; Yonara e Reveraldo possuem essa cumplicidade há muito tempo, e no momento que o Reveraldo passa para o outro lado da equação, é necessário trilhar outros caminhos de cumplicidade, dessa vez comigo.

Acho que vai ficar mais claro, com o próximo trecho da conversa, onde pergunto pra Yonara um momento da montagem que ela gostaria de relembrar e citar:

“Aquele parte de como que eu e tu nos relacionaríamos em cena, essa questão da segurança com outro; os exercícios que estavam sendo propostos para a gente poder estar em cena foi um momento bacana, foi um momento interessante da montagem [...] quando o Reveraldo estava propondo como é que a gente iria se relacionar antes ainda de existir Rabisco e Rascunho, eu e tu, seres humanos com uma idade muito diferente uma da outra, as gerações diferentes; eu acostumada a lidar com uma pessoa em cena uma vida inteira e de repente como é que eu começo uma jornada nova na minha vida de atriz, [...] a insegurança de saber se tu ia tá preparado para estar entrando num projeto de trajetória, que é estar sendo ator numa peça de teatro um bom tempo na vida, ‘será que ele vai ter isso que a gente tem?’ E aprender a se

¹⁰ Júlia é uma peça teatral de rua, onde os personagens principais, Júlia e Palheta são bufões, e se dizem donos dos restos de um circo incendiado. Chegam em uma praça com a premissa de que Júlia, uma mulher sem o movimento das pernas irá dançar.

¹¹ Amor por Anexins conta a história de Inês, uma mulher viúva que é cortejada pelo velho e solteirão Isaías. Isaías só se comunica por meio de anexins: provérbios, ditados populares, adágios, etc.

relacionar contigo em cena para esse novo que tava vindo [...] A incerteza de quem era essa pessoa do meu lado em cena borbulhava também.”

Pelo último parágrafo, pode parecer que jogaram eu e Yo numa sala sem que nos conhecêssemos previamente, mas calma, eu explico. O processo de montagem de Felpo iniciou em fevereiro de 2021, ou seja, já estávamos vivendo a pandemia há um ano. Nesse um ano de pandemia, não só nossa vida, mas a de todos virou de ponta cabeça. Dentro das funções do grupo, fiquei encarregado de aprender a editar vídeos, o que foi um processo bem estressante e que resultou numa vontade minha: não querer mais ser artista. Agora leitor, acredito que esteja explicada a insegurança e incerteza que tem tanta ênfase na fala da Yonara; mais uma vez, não é um manual com passo-a-passo, é a vida e o jeito que vivemos e o jeito como retratamos ela em nossas obras.

Retornando às perguntas, indago Yonara sobre o porquê de entre tantas opções, escolher *Felpe Filva*? E com vocês, os porquês:

“Na verdade Felpe Filva tava na gaveta já há muitos anos, a Marcela (filha do casal) tava no 3º ano do ensino fundamental 1 [...] e ela tinha esse livro como um livro paradidático. E eu lembro, como a gente comprava os livros no início do ano, nas férias a gente já tinha lido o livro e a gente se divertiu muito, eu lembro que a gente não leu só uma vez, a gente leu várias vezes. E a gente sempre falava nossa eu acho que esse livro dá uma peça de teatro porque ele tem muitas imagens. Ele suscita muito imagens, imagem em ação, imaginação. Diante das figuras que a Eva coloca, nas ilustrações da Eva no livro. [...] Com o advento pandemia, estarmos parados; fazia tempo que a gente precisava montar algo para infância e juventude; o último que a gente tinha montado, entre aspas o último né, porque era o sonho de Natanael que tava no nosso repertório [...] Porém um repertório assim para ir para festivais, para estar nesse lugar da pesquisa, daquilo que nos movimenta enquanto grupo de teatro artístico, do que movimenta enquanto a arte. [...] As coisas elas foram acontecendo de uma maneira muito propícia para ser naquele momento uma montagem de Felpe. Não era para acontecer antes, então demorou realmente seis anos desde que a gente teve acesso ao livro.”

Acho que a única coisa que posso adicionar ao comentário da Yonara, é que eles – Reve e Yo – tiveram contato com o livro antes mesmo de eu entrar no grupo, diferente de mim, que fui conhecer o livro no ano da montagem, e que assim como eles, me apaixonei. Às vezes é isso caro leitor, paciência é a chave da coisa. Em seguida eu parto para a última das perguntas com uma pegada mais técnica, pedindo que Yonara falasse um pouco mais sobre fazer teatro de grupo focando nas múltiplas funções que ela exerce no Felpo, pois além de atuar, ela assina o figurino e a maquiagem:

“Isso é uma característica do teatro de grupo. Não tem por onde fugir disso, tu conversa com qualquer grupo que faz a produção teatral dele dentro desse contexto, desse coletivo grupo de teatro, as pessoas vão ter que se virar mesmo porque nem sempre a gente tem condições (dinheiro) de chamar a pessoas para todas as funções [...] acaba que com as nossas experimentações de quase 30 anos fazendo teatro, a gente também foi tateando esses lugares da maquiagem, figurino, direção, música. A gente consegue, por conta de uma trajetória dizer que sim, que podemos assinar um figurino, assinar a criação de uma maquiagem... [...] até pouco tempo atrás eu dizia que eu só era atriz. Faz pouco tempo que eu comecei a não querer me sabotar, porque existe uma autossabotagem, de a gente achar que nunca tá pronto para assumir e assinar tal coisa. Então de uns tempos para cá, também com os meus estudos dentro das questões feministas, me colocaram com mais empoderamento, eu sempre vou dizer que eu sou atriz e produtora porque de fato eu faço produção, vendo espetáculo, mando para festivais. Então eu sou atriz, sou produtora, mas sou dramaturga? Não com frequência, mas já fiz dramaturgia, então sou dramaturga. [...] A gente vai meio que aprendendo, eu acho que é um lugar de tecelão, o tempo todo trabalhando essa tecelagem do teatro que passa por todas essas funções [...] E ter a coragem de não se colocar como impostora, pois principalmente nós mulheres, temos a mania de nunca acreditar que é possível assinar tal coisa; é que parece que o homem já nasce autorizado a se dizer autores, escritores, dizer que faz e que fez. A mulher tá sempre atrás de alguém que fez alguma coisa, quando na verdade ela tá ali totalmente atuante só que não assina. É um medo de assinar, um receio. Faz parte realmente do sistema do patriarcado, que não nos dá essa autorização, a gente não se sente autorizada a assumir né que faz também.”

Sem muitos comentários, é exatamente isso aí que vocês leram.

Agora, após falar tanto sobre o que pensa, o que se sente, vocês poderão começar a visualizar (finalmente) sobre o que estamos falando. Nesse momento da conversa começam a entrar elementos presentes da cenografia da peça, pois pergunto a Yonara algum momento que ela gostaria de citar, por possuir um carinho ou simplesmente acha que deve ser citado. Nas palavras dela:

“São tantos momentos que eu gosto, mas eu gosto muito de contar a história do livro pop-up.”



Trata-se de “Uma história um pouco esquisita” no livro o conto escrito por Felpe Filva. Na peça optamos por transformá-lo em um livro pop-up. Foto de João Gabriel.

É um momento assim que inclusive, cada vez que eu faço, eu faço como se eu tivesse fazendo pela primeira vez. Eu me divirto ali, eu tenho um carinho enorme pelo olhar das crianças nesse momento, que volta e meia eu vou pelas beirolas e olho a plateia e sinto a respiração da plateia nesse momento. Um outro é o da vovozinha. Então assim talvez se fosse medir, eu acho que o da vovozinha é mais forte para mim.



Aqui, buscamos atribuir uma personalidade possível para a receita, que acabou sendo de fato a avó do Felpo. Foto de João Gabriel.

Que é a receita, mas a frase que veio, e que veio com o tempo, porque não tá no livro, que é ‘não esqueçam da vovó na prateleira’, vem ao encontro de uma série de emoções que eu tenho de pensar avó. Pensar minha mãe que é vó, de pensar minhas avós que já se foram, a mãe de Reveraldo que é a minha sogra e vó dos meus filhos, que muitas vezes a gente acabou esquecendo na prateleira. Então essa frase ela surge com uma emoção, eu lembro que quando surgiu, e toda vez que eu falo tem uma emoção nessa fala.”

Parafraseando Lavoisier, *na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*. Utilizo essa frase para fazer uma ligação com o depoimento da Yo sobre as cenas e buscar libertar a sua imaginação leitor. Foram citadas duas cenas onde falamos o texto exatamente como está no livro, porém, na *tridimensionalização*, ou seja, atribuímos dinâmica física enquanto atores, juntamente do objeto físico, no caso o livro pop-up e o boneco vovó. Assim, transformamos o texto em algo que pode ser além de visto, ouvido e palpável, buscando enriquecer experiência do espectador.

Aos que se sentiram cativados pelas falas da Yo, sinto lhes informar mas a participação dela nessa pesquisa está chegando ao fim. Mas não fiquem tristes, ainda temos a *saideira*. Pergunto a ela, se existe alguma apresentação que ela gostaria de citar, lembrar ou simplesmente deixar registrado. Aqui está:

“Eu gosto de pensar naquela apresentação, sempre, de Forquilha que o menino negro chegou no final chorando, emocionado, dizendo que tinha entendido o que a gente queria ter dito. Então eu lembro que nesse dia foi muito louco, porque não foi só esse menino, foi uma menina também que era mais gordinha, e mexeu comigo essa questão do corpo, de ganho de peso, e ela ter dito que sofre bullying dentro da escola. [...] nesse dia tiveram vários relatos que nos deixou emocionado no final. Então é uma escola que eu lembro; porque já foram tantas, tipo a gente tá vindo de uma turnê com sete apresentações, então tem muitas coisas que eu poderia ter dito sobre coisas que aconteceram agora, porém eu não esqueço dessa lá de trás, lá do início da primeira turnê, que a gente saiu. Tava tomando forma e a gente já viu um impacto que ele causava né nessa questão das diferenças e de respeitar as diferenças.”

Acredito que aqui é possível dizer que nossa obra artística se completou. A alteridade foi alcançada pelos depoimentos dessas crianças; mas esse vai ser um tema que irei desenvolver na conclusão dessa pesquisa.

3.2 RASURA

Resolvi dar esse título para continuar dentro desse universo que propomos com os nomes dos personagens na peça *Felpe Filva*. O que vai rolar aqui é muito parecido com o que aconteceu no capítulo anterior, mas dessa vez converso com Reveraldo Joaquim, que assina a direção dessa peça. Importante dizer que o Reve também é ator e fundador do Grupo de Teatro Revirado, além de diretor, cenógrafo e produtor cultural.

A conversa teve algumas perguntas iguais às que direcionei para a Yo, mas separei algumas mais específicas para a função que ele cumpriu na peça. Mais uma vez, vocês perceberão que o processo de montagem da peça *Felpe Filva* não seguiu um passo-a-passo, mas isso também não quer dizer que ela simplesmente surgiu. O

ponto principal é que nos adaptamos a realidade em que estávamos vivendo, e isso foi, e é importante independente de qualquer núcleo artístico.

Sem rodeios, começo fazendo para o Reve a mesma pergunta que comecei fazendo pra Yo; o que vem na sua cabeça quando se fala em Felpe Filva?

“É um novo momento do grupo. Ele vem com uma proposta audaciosa de uma montagem que, não é que foge do padrão do Cirquinho do Revirado, mas ela vem para ocupar um espaço na estrutura do grupo que tá desfalcada. Desfalcada no sentido de atualização; nosso último espetáculo com essa formatação seria O Sonho de Natanel¹², então o Felpe vem para ocupar esse espaço do O Sonho de Natanael; que é um espetáculo que pode ser apresentado tanto na rua, em espaço alternativo, como num palco italiano. O Natanael por muito tempo ele ocupou esse espaço dentro da estrutura do grupo então, quando a gente pensou na montagem do Felpe Filva, ele veio com essa com essa dinâmica de construção. Mas no processo de montagem já foi vista a potência que o espetáculo poderia ter, talvez ele estaria um pouco mais acima do Natanael; fugindo da proposta da cultura popular que o Natanael tem, que é uma proposta trabalhando mais cantigas de roda, cantigas de ciranda. O Felpe Filva ele vem numa outra pegada, apesar de também estar falando de diferenças, está falando de desigualdades; que é uma característica do grupo, que os espetáculos sempre tem essa pegada de lidar com pessoas que estão à margem de uma sociedade. Então todos os nossos espetáculos eles têm essa característica de fazer um levante sobre alguma questão alguma bandeira social. [...] No primeiro momento seria um espetáculo para ir para as escolas porque teria esse apelo da Eva Furnari que tá em todas as bibliotecas escolares, mas depois ele ganha essa outra notoriedade enquanto espetáculo e a potência dele. [...] Enquanto escrita, o Felpe Filva traz uma coisa bem importante, que é: mais uma vez, a gente tá trabalhando com literatura brasileira. Nós estamos valorizando a autoria de uma que é extremamente significativa para a língua portuguesa, é extremamente necessário que

¹² O Sonho de Natanael é a história de uma criança pobre que trabalha como engraxate para ajudar os pais para que possam sobreviver. No intervalo de um sapato e outro, Natanael dorme e sonha, e nesse sonho ele pode ir à uma escola, aprender a ler e escrever. Porém ele é recorrentemente interrompido por novos sapatos que precisam ser engraxados. A peça usa muitas cantigas de roda, músicas de ciranda para desenvolver a história.

se fale sobre esses artistas também, a valorização desses escritores, desses não é o nosso caso, mas desses dramaturgos brasileiros.”

É bem perceptível que a mesma pergunta causou respostas completamente diferentes, pois em uma montagem teatral, cada integrante ocupa e cria um ponto de vista diferente, mas em nenhum momento esses pontos de vista são descredibilizados entre si.

Aproveitei a fala do Reve sobre literatura e autores brasileiros, e dei sequência com a pergunta “Por que entre tantas opções escolher Felpo Filva?”, que recebeu a seguinte devolutiva:

“Esse livro ele sempre esteve na nossa biblioteca e ele passava sempre pela nossa mão. Eu acho que o ficar antenado com o que está acontecendo num momento social, político, que a gente se encontra e o que está se falando, em vez de construir um novo texto/dramaturgia, a gente vê em Felpo Filva uma metáfora; desse coelho que tem orelhas diferentes. Então a gente fala da diferença, a gente fala dessas diferenças na forma de pensar, nas formas de agir, nas formas de se comportar. Então essas diferenças são importantes chegar para as crianças dizer bem olha nada é igual.”

Aqui podemos chegar à conclusão de que, mesmo a arte sendo atemporal, podemos utilizar a temporalidade para potencializar uma mensagem a ser passada.

Seguindo a conversa, eu peço para o Reve falar mais sobre a função dele como diretor dentro dessa montagem, sobre os desafios que ele encontra estando fora de cena, sobre as resoluções que ele propõe para resolver a realidade em que nos encontrávamos. A resposta foi essa:

“Como eu já tinha uma ideia de uma estrutura de espetáculo quando a gente começou a ensaiar, e essa estrutura seria vocês dois em cena, sendo personagens que estão vivendo essa história e não só narrando. Então essa estrutura pensada para esse espetáculo ele passa primeiramente: criar em vocês laços de confiança. Primeiramente os exercícios, eles vão para esse lado, para saber de que forma que vocês dialogam um com o outro, e isso não personagem, mas isso enquanto Fabio e Yonara. Para mim se torna fácil porque eu já conheci vocês dois, então esse processo ele foi mais rápido também; e como eu sabia e sei por exemplo tudo que a Yonara

tem na manga, formas de dar um texto, formas de agir fisicamente, numa interpretação, com a Yonara talvez a exigência foi um pouco maior do que contigo; Porque tu vem com o novo, tu vem com uma proposta nova fisicamente. Então eu vou precisar trabalhar mais contigo talvez em uma outra montagem, para fugir desse personagem para fugir desse registro construído. Com a Yonara a cobrança ficou em torno de “não, não quero nem Inês, não quero Júlia, não quero a contadores de história do Natanael”. Então eu preciso de outro corpo, preciso de inflexões na forma de dar o texto. [...] E de que forma que essas personas, a partir do momento que é criado, se relacionam com os objetos de cena. Objetos/bonecos. De que forma que essas figuras elas estão à disposição do espetáculo. Essa ligação, esse jogo entre vocês, ele é um jogo de extrair de vocês tudo aquilo que é possível de se fazer. No cinema o diretor diria ‘ah tu faz aqui ah faz de novo’. No teatro é ‘isso aqui dessa forma sendo dita é legal?’ ‘é’, então mete ficha, continua. E existe uma coisa nesse espetáculo que é bem legal e diferente dos outros também espetáculos, é a repetição porque é sempre um espetáculo diferente, porque são públicos diferentes. Então ele tem que ser repetido exatamente igual né as inflexões os tempos as falas então tem ser que tem que acontecer sempre da mesma forma isso para mim e para Yonara que viemos de uma outra escola de teatro é difícil, porque nós somos a rua e a rua ela te interfere. A gente sempre tem que estar se puxando não pera aí, é esse trabalho aqui, não deixa fugir porque senão outro personagem vai surgir e se distanciar do que foi criado.”

Como podemos ver, ele fez todo esse rodeio pra ~~dizer que ele era um carrasco~~ deixar claro que o diretor deve ter um olhar atento, além de também trazer provocações, incitar o ator a sair da sua área de conforto.

Nessa peça o Reve não assina a cenografia, quem faz essa função é o artista plástico e professor Sérgio Honorato¹³. Porém o processo de criação de cenografias se deu em cima das necessidades que nós percebíamos dentro da criação das cenas, consequentemente levávamos essas necessidades até o Sérgio, que por fim

¹³ Sérgio Honorato é Mestre em Design e Expressão Gráfica pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina; especialista em Design Gráfico pela mesma universidade e bacharel em Artes Visuais pela UNESC. Atualmente é professor titular do Curso de Artes Visuais na UNESC. Além de ser um artista muito reconhecido na região Sul, e possuir experiência nas seguintes áreas: Design Gráfico, Artes Visuais, Fotografia, Ilustrações e Cerâmica.

confeccionava aquilo que imaginávamos (era bem mágico, ele fazia igualzinho o que estava na nossa cabeça).

Devido a esse processo ser extremamente coletivo, e onde interferíamos no trabalho um do outro, o Reve ficou muito próximo também da cenografia – que a propósito é toda feita em papelão – seja adaptando os objetos e deixando-os mais resistentes para a manipulação, seja criando, como foi o caso da escrivaninha/piano/expositor de livro, que temos na peça.

Além disso, quando declaramos que a peça estava pronta, o Reveraldo se tornou o responsável pela sonoplastia. Então em cima desse acúmulo de funções, fiz a ele o mesmo questionamento/indagação/provocação que foi feito para a Yonara, porém adaptando um pouquinho. Ficou mais ou menos assim “Além de ser o diretor, tu estavas envolvido com o processo da cenografia junto com o Sérgio, e depois da peça pronta é tu que ficas responsável pela sonoplastia. Queria que tu falasses um pouco sobre como é cumprir essas múltiplas funções dentro da montagem, e como é acompanhar o trabalho em todas as apresentações enquanto diretor.” O papo seguiu assim, com a resposta dele:

“Isso é uma coisa que o Bruno e a Pri (Grupo Cirandela, Criciúma/SC) sempre falam ‘ah tu vai assistir hoje?’ Porque parece que existe uma cobrança a mais quando o diretor tá ali. O que eu mais procuro fazer quando a gente tá circulando, ou que vocês estão apresentando, é procurar interferir para manter o que a gente fez, porque as vezes, no impulso do momento, daquela apresentação acaba saindo uma ação diferente; mas se tu repete da mesma forma na outra, então a gente começa a se incomodar, e num terceiro daí é obrigado a haver interferência. Então a importância do diretor estar nesse lugar de atenção, que preza pela qualidade criada, mas também relaxar, no sentido de ‘bem é só mais uma apresentação, é essa apresentação, então fica de boa que se houve um erro aqui, não houve no último e não vai haver no próximo. A construção da cenografia, ela tinha uma outra proposta estética. Ela tinha uma proposta de ser um fundo branco com linhas em preto e contornos todos em preto. Porém no processo de montagem, todos os improvisos estavam sendo feitos com papelão; o Sérgio trazia as maquetes em papelão. E de repente num dia eu disse ‘claro né, por que que o cenário não é todo de papelão’, fugindo a uma ideia muito clara de que o papelão é uma coisa frágil; e que os espetáculos têm que durar muito

tempo. [...] (Falando sobre a função de diretor) Procuramos respeitar duas coisas: uma o próprio traço da Eva Furnari e outra coisa é a dramaturgia da Eva Furnari. [...] O Sérgio tinha que reproduzir em 3D algumas coisas outras coisas chapadas, o que estava no livro; então a caracterização de todo o cenário é da Eva né, quem fez o cenário foi o Sérgio, mas o desenho estético, é da Eva. [...] Operar (e criar) a sonoplastia é mais complicada. Como a gente tinha uma estética já estabelecida, o som que foi criado, a sonoplastia, as músicas, tinha uma linha a ser seguida e ela funciona super bem, porque ela também comunica.”

Se você entendeu o que o Reve disse, então você basicamente entendeu o que é necessário para montar uma peça; é necessário olhar e analisar todo o contexto presente ao seu redor; como eu posso potencializar, atribuindo mais significância ao material que tenho? Outro ponto a se ressaltar, é que o teatro se tratando de uma arte viva e única, está sujeito a sofrer alterações de uma apresentação pra outra, o que não é problema; mas deve-se constantemente prezar pela estética do trabalho, não perdendo o principal motivo de ele ter sido moldado do jeito que foi.

Partindo para o próximo tópico da nossa conversa, eu refiz o questionamento, se havia algum momento do processo de montagem que o Reve gostaria de lembrar ou citar. Com vocês:

“Eu acho que o fato de eu estar dirigindo a Yo, me colocou no lugar de mais calma no tratamento com vocês na montagem. Acredito que de certa forma isso acabou ajudando para mim ter mais calma, mais paciência em descobrir essas ações, e claro que eu já estava antes de tudo isso me preparando para isso, para não ser uma disputa territorial de egos nessa montagem. Então eu precisava estar nesse lugar também de estar nessa construção. [...] Tem uma coisa do Felpeo na construção é que as ações, elas são práticas em cima daquilo que o texto pede, fora algumas brincadeiras que são as licenças poéticas dos poemas que existe uma partitura, o restante são ações mesmo do cotidiano dos personagens.”

Uma resposta uma tanto quanto sucinta para uma pergunta que pode ser interpretada como ampla, enfim, vamos para a próxima pergunta (ler isso com a voz do Celso Portiolli imaginando o programa passa e repassa pode trazer emoção pra

sua leitura). Já que o Reveraldo acompanha todas as apresentações, ele acaba tendo um ponto de vista diferente do meu e da Yo em relação à peça, e quando eu digo ponto de vista estou sendo literal mesmo. Tendo isso em mente eu pergunto se tem alguma parte da peça que ele gostaria de deixar registrado, por gosto, ou só pra constar.

“Quando começa o espetáculo, ele tem uma linha de energia que começa, e tipo assim, ah nada vai acontecer. De repente vem uma cabeça com uma orelha que estica.”

Pausa breve, no caso a caixa com uma orelha que estica que o Reve cita, é o *Sticorelia*, que nós tridimensionalizamos, trazendo-o não só para fora do livro e tornando-o palpável, como funcional: ao rodar a manivela que o Rascunho (Yonara) está com a mão direita em cima, a orelha direita da caixa sobe; e ao soltar a manivela, ela desce. Enquanto isso, Rabisco (Eu) está tendo uma pequena demonstração do que Felpe sentiu e teve que passar durante sua infância.



O aparelho *Sticorelia Rabite Perfection* em ação. Foto da apresentação realizada na 4ª Edição do Animaneco de Joinville/SC, em 2022.

Voltando ao depoimento do Reve:

“E a gente já começa a dizer pro público: ó a gente vai agir dessa forma. E ah é engraçado e logo depois já vem uma cena que é colocada as máscaras num clima pesado - porém, as pessoas sempre riem na hora que aparecem essas duas máscaras. Então assim, a gente vai dialogar com o riso aqui, vai dialogar com assuntos sérios, a gente vai estar cobrando vocês, e a gente vai estar oferecendo. [...] E claro, o Felpo gigante. Algumas coisas assim que surpreendem quem já leu o livro, se surpreende com aquele Felpão.”

Para quem ficou curioso de conhecer o tal Felpão, terei de lhes informar que não temos uma foto dele em ação, já que na hora que ele está em ação seu temperamento não é dos melhores. Mas aqui vai uma foto dele, de quando estávamos dando os toques finais na cenografia da peça:



Na foto eu estava pintando o contorno da porta de preto, e lá atrás o Felpão monitorava meu serviço.

Foto de João Gabriel.

Chego ao fim da conversa, com o questionamento de qual apresentação vinha na memória dele. Fiquem com as palavras:

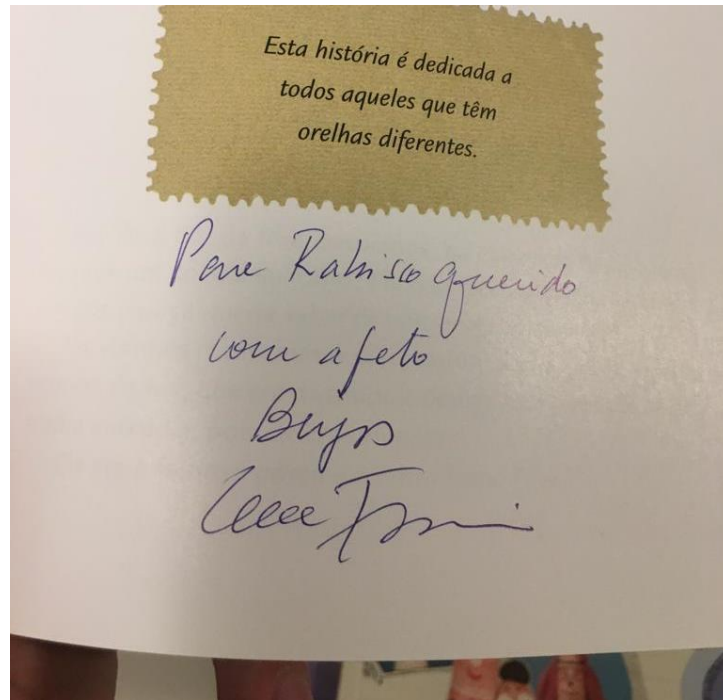
“Sem dúvida é a apresentação em que a autora Eva Furnari, foi assistir, eu acho que foi um momento muito especial. Até mesmo pra gente conhecer, de fato, quem era Eva Furnari, e pela importância que ela tem para a dramaturgia, para literatura brasileira. E a humildade que ela foi assistir ao espetáculo e depois no final, a Yonara falando da Eva e o povo reverenciando ela, sabe, para nós foi surpreendente também, porque a gente sabia da importância da Eva mas não imaginava o quanto ela tinha fãs espalhados por aí. E claro né combinou com a cereja do bolo ela convidando a gente para ir na casa dela eu acho que é um momento assim que não dá para esquecer tão fácil.”

Sim, nós tomamos café na casa da Eva Furnari. Temos provas disso. Ainda não acredita? Então toma essa:



Da direita pra esquerda: Reveraldo Joaquim, Yonara Marques, EVA FURNARI, e eu. Foto de 2022, quando estávamos em cartaz no SESC Pinheiros, em São Paulo/SP.

Ah, mas isso não significa nada. Então toma essa dedicatória que ela fez no meu livro Felpe Filva:



Para Rabisco querido. Com afeto. Beijos. Eva Furnari.

Com isso amigo leitor, espero que você comece a acreditar mais nas coisas que eu digo, pois com toda certeza do mundo eu não tenho motivos para enganar você. Caso tenha ficado com dúvida, ou queira entender um pouco mais sobre toda essa odisséia que acabou de ler, fique à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail fabiomjustino@gmail.com. E caso queira saber mais sobre o Grupo de Teatro Revirado, siga a gente nas redes sociais: @cirquinhodorevirado. (me senti no fim de um programa de TV agora).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O OCTAGÉSIMO QUARTO RASCUNHO

É perceptível que a escrita acadêmica não é a melhor das minhas qualidades, mas contrariando as ~~minhas~~ expectativas, chegamos até aqui, a conclusão.

Já se passaram dois anos desde a estreia da peça Felpo Filva, e desde que descobri a palavra *alteridade*, não me sai da cabeça que ela é uma referência muito forte para definirmos não só a execução da peça e o contato com os espectadores, mas também o processo de montagem ao qual passamos.

Brandão (1986, p.7) diz que:

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou.

Reconhecer-se, e principalmente, reconhecer o outro como indivíduo é também um dos grandes motivos de Felpo Filva ser tão potente quando em contato com o espectador, e principalmente o espectador criança, que está no início da formação do seu caráter e do início da sua convivência social.

Ao colocar a personagem Felpo Filva em foco, o espectador se torna aquele que observa, mas também é observado por Felpo, criando assim um vínculo e nesse vínculo se abre um leque de possibilidades interpretativas: o espectador pode se colocar no lugar de Felpo, identificando-se; ou pode se perceber como um causador da situação de Felpo, ou seja, pode ser um dos amiguinhos que sempre zombavam dele (palavras de Felpo Filva); ou além disso, percebe o seu entorno: ela pode não estar diretamente envolvida nessa relação, mas percebe que pode interferir de alguma forma.

Levando a alteridade para o processo de montagem da peça Felpo Filva do Grupo de Teatro Revirado, existem muitos fatores que podem ser analisados por esse prisma dentro do processo. Começando pela troca de lugares, onde Reveraldo Joaquim ocupa a função de diretor, ao invés de ator, como habitual; observando Yonara Marques, sua companheira de cena desde o início do grupo. E o olhar dos dois para o novo, que no caso sou eu, ocupando pela primeira vez o espaço de ator desde o início de um projeto.

Não só na montagem é possível perceber a alteridade, mas também no que nos motiva a montar a peça. Analisando o contexto social ao nosso redor, que está

intrinsecamente ligado à história do grupo e as peças do seu repertório. O que quero dizer é que, o grupo tem uma grande parte de seu trabalho realizando apresentações dentro de escolas, realizando parcerias com secretarias de educação e cultura. Tendo contato com esse universo, é possível perceber certas necessidades sejam elas culturais, sociais e éticas.

Por fim, o ciclo se fecha, quando recebemos uma resposta direta do público – nesse caso infantil – como citado na conversa com a Yonara, em que muitas crianças dizem “eu entendi o que vocês falaram”. Creio que ao entender a própria *dor*, se torna mais fácil entender a dor do outro, e por fim, mais fácil curar onde dói.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C.R. **Identidade e Etnia**. S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: Provocação e dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

FURNARI, Eva. **Felpe Filva**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

MARSCUSCHI, Luiz. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

OLIVEIRA, V. M. DE; SATRIANO, C. R. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 369-386, 11.

PINTO, Ziraldo. **O Menino Maluquinho**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1980.

PROJETO Pedagógico do Curso de Teatro. Criciúma: Unesc, 2022. 100 p.

SANTOS, R. **Desmontagem cênica: investigação das poéticas do ator em teatro de Grupo**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de artes da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2015.

ZAMBONI, SILVIO. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Ed. Autores Associados. Campinas, SP, 2001

WASZKIEL, Halina. Teatro de Formas Animadas. **Móin-Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**, Florianópolis, v. 2, n. 21, p. 208–221, 2019. DOI: 10.5965/2595034702212019208. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034702212019208>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?**: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24 Petropolis: Editora Vozes, 2015, 141 p.

PROJETO Pedagógico do Curso de Teatro. Criciúma: Unesc, 2022. 100 p.